

## **As margens, os autores e o tempo além.**

Nadam Guerra

### **O artista como moldura. a moldura como arte.**

As margens são o que mantêm o texto dentro do papel.

E o que é um autor? É quem fala.

Mas o que importa quem fala? Quem fala fica atrás ou ao redor, fica na margem. Quem fala é a moldura do que é falado.

Uma moldura pode ser fina e discreta ou exuberante e eloquente. Pode tentar passar despercebida como um autor de documentário de TV. Ou pode quase encobrir a obra como as montagens convencionais de Shakespeare. Ou pode ser pequena e ir crescendo, naturalmente, conforme nos interessamos pela biografia do autor Ou se impor artificialmente, quando são criados factóides de polêmica para promover uma obra.

De todas formas, o autor é uma construção.

De todas as formas, o autor é a margem.

De todas as formas, o autor é arte.

Eu sou o autor deste texto. Estou nestas margens. Eu sou arte.

### **Rio e pântano.**

As margens mantêm o rio dentro de seu curso.

Filho, pai, avô, bisavô e além seguimos até a nascente mítica.

Bisavó, avó, mãe, filha e além até o mar infinito.

Mas e se os rios se cruzam? Se misturam ou perdem o rumo em um pantanal ora inundado ora seco? Se o rio perde a margem, deixa de ser rio?

Eu poderia ser branco. Tenho toda uma árvore genealógica de portugueses e até os onze anos eu achava que era branco. Mas não sou. Um dia, na aula de geografia, o professor perguntou quem tinha a pele mais escura da sala. Era eu.

Nesta época, procurei meu sobrenome no dicionário. Damasceno: nativo ou natural de Damasco, capital da Síria. E achei que era árabe, mas não sou.

Eu poderia ser índio. Minha mãe contava da índia, mãe de meu avô paterno, com seus longos cabelos negros. Um dia perguntei a meu avô de onde vinham os índios de nossa família.

“Não há índios em nossa família.” respondeu ele depois de pensar puxando pela memória. Eu gostaria de ser índio. Mas não sou.

Eu poderia ser negro. Meu avô materno tinha traços negros. Seu pai de nome Guerra vinha de um interior misterioso e se abrancava casando com menina de família importante na cidade chamada Machado. Nunca falei disso com meu avô, mas sei que na família não se gostava de negros. Numa feita, fui visitar minha tia-avó junto com um amigo negro. Ela pela primeira vez não me convidou para entrar, nem ofereceu docinhos. Recebeu-nos na porta, falou o mínimo e partimos. Fiquei triste. Eu teria orgulho de ser negro. Mas não sou.

Quando viajei pela Europa no século passado, passei por dezenas de países e todos reconheciam pela minha cara que eu era indiano ou peruano.

Um dia quis ser vietnamita e plantar papaia no quintal de uma casa sem portas.

Dizem que sou Brasileiro. Triste ironia, essa identidade de retalhos. O Brasil é fruto de coincidência de migrações. Não existe uma raça Brasil. E deste mito não quero ser feito.

Antes me resta a utopia do híbrido. Não o híbrido estéril, mas o mestiço fundamental e fundador de um novo tempo. O tempo onde se festeja o fim das raças e se pede por invenções que tragam de volta tribos perdidas. Tempo de reinventarmos a história que ao invés de vitórias, destruição e dominação tragam cooperação, miscigenação e diversidade.

### **Ser o artista do Alto do Moura**

Para as margens das cidades são mandados os que já não cabem dentro. Loucos, doentes, hereges vierem à margem da lógica. Bandidos, vadios e prostitutas vivem à margem da lei. Pobres e exilados vivem à margem do mercado. Artistas são aqueles que podem se infiltrar das margens ao centro e do centro para as margens e fazer a comunicação. Fazer a ligação entre a arte que fica à margem da vida. Conectar e vida que fica a à margem da arte. O artista pode ser e não ser.

Estes dias, conheci um artista em Caruaru, agreste de Pernambuco. Sobrancelhas arredondadas combinam com rosto oval. Ele me perguntou de que galeria eu era. Ao que eu respondi que não tinha contrato com nenhuma galeria. Conversamos brevemente e em seguida ele me disse:

“Nossa fazia tempo que eu não via um artista.”

Não entendi do que ele falava. Ele tentou explicar:

“Todo mundo é artista. Todo mundo que eu conheço é artista, mas fazia tempo que eu não encontrava alguém que pareça um artista, que caiba no arquétipo. Artistas estão sempre falando de galeria, de mercado, de qualquer coisa e não de arte.”

Ele tinha a cabeça raspada, vestia preto, a voz rouca e doce, levemente afetada.

Eu vestia um short largo, camiseta colorida e sandálias havaianas. Não sei se parecia artista. Fazia calor e eu passara 15 dias tentando ser um artista popular que faz bonecos de argila.

“Na minha terra a vida se ganha com as mãos. A cabeça traz só confusão” dizia Mestre Vitalino no cartaz do Museu do Barro de Caruaru.

“Se Deus deixasse eu tinha ido no lugar dele” dizia o cartaz com a carta de Mestre Gaudino sobre a morte de Vitalino.

No Alto do Moura, periferia de Caruaru, PE, onde viveram Galdino e Vitalino, os pais querem que os filhos estudem para que fiquem livres do barro. Para que tenham outras opções na vida além de ser mais um entre os dois mil artesãos do Alto do Moura. Poucos destes artesãos são ou se consideram artistas. A maioria se vê como fazedores de peças de barro. E isso lhes garante o mínimo para sobreviver.

Eu fazia bonecos de barro como os outros dois mil, mas eu era artista por causa disso? Eu era artista porque parecia artista? Porque penso que sou artista? Porque parecia ser outra pessoa? Ou porque eu era outra pessoa? Porque não pertencço a lugar nenhum, a nenhuma classe, a nenhuma raça?

Na minha terra a vida se ganha com a cabeça, as mãos só trazem confusão.

Quero uma terra em que mãos e cabeça façam parte do mesmo corpo e que seja sempre um enigma o que podem juntas mãos, cabeça, sobrancelhas e corpo.

## O tempo agora

Já não vejo as margens. Estou a deriva no meio de um vazio que já não sei se é um mar ou um deserto. parado no meio de um sem fim que se estende para todos os lados, já não se pode pensar em evolução. Apenas na errância, inútil ou hedonista, em que não importa para que lado seguir. Todas as direções se abrem em labirintos igualmente densos e complexos.

Quisera eu a certeza romântica na paixão. Ou a fé cega na razão iluminista.

Ou mesmo a confiança das vanguardas na importância da arte como transformação.

Mas não. O tempo pós-pós-história, pós-pós-arte não me concede nem ao menos a nostalgia de velar o cadáver frio da modernidade. Seguimos em uma perigosa travessia de cegos, sem poder desejar nem a ridícula revolução da mudança pela mudança, nem a permanência de algo que hoje sabemos que nunca existiu, que foi uma ilusão forjada e datada.

A total liberdade trazida pela falta de margens, de fronteiras, de parâmetros, de paradigmas assusta.

Quisera eu algo distinto. Mas já não quero. A liberdade que assusta também permite que cada um escolha seu próprio mix de referências e lutas. De apegos e aversões. Eu gosto de um zen-xamanismo requintado e visceral. Rodrigo gosta de um barroquinho surrealista pós-psicologia. Paulo faz um situacionismo de fetiche pan-étnico. Ivo prefere um uma crítica institucional autoral formalista. Fabiana ataca de um muticulturalismo pan-sexual noar. Mayra tenta um minimalismo animista. Iaiá vai de anti-capitalismo em cores cítricas. Ioiô de pós estruturalismo pró-islâmico.

E se amanhã não for nada disso? Se eu achar o zen careta e o xamã meio piegas? E Mayra optar por uma verborragia niilista? Ou Fabiana se converter a um abstracionismo luminoso e sublime.

E se eu lutar por ser um anti-eu-mesmo?

Tudo bem. Errar é humano e persistir errando é contemporâneo.

Com-tempo-râneo. Ao mesmo tempo. O tempo não é mais uma linha reta de direção única do passado para o futuro. O tempo é uma membrana amebal permeável do tempo presente. Cada um de nós é uma célula temporal. Tudo que está dentro da minha membrana, ao alcance dos meus sentidos e pensamentos é presente: Malarmé, Bashô, Anitta, o show das poderosas, Tim Markx e o capitalismo em desencanto. E o que está fora da membrana é um passado/futuro incerto, casual e amorfo. É o ambiente de onde venho e para onde vou. Este texto é um passado meu e é o seu presente. Meu passado pode ser o seu futuro. E vice-versa. O meu futuro pode ser o meu passado. e vice-versa novamente.

Quisera eu que eu quisesse querer algo que hoje quero.

Quisera eu ser quem eu sou, estar onde estou.

Agora só falta você.

E agora só falta você.